

A JANELA DA TFP

No início dos anos 70, estudante de arquitetura, costumava almoçar numa pensão em Higienópolis onde moravam, em maioria, algumas jovens bancárias e professoras. Era a pensão da “dona Beni”, onde o almoço frugal era compartilhado por um bando de esfomeados como eu e meu colega Osias. Com uma grande mesa de madeira ao centro de uma sala enorme, a pensão onde a gente disputava os bifes ocupava um dos casarões que foram nobres no início do século XX e abrigaram a elite paulistana daquela época de ouro do café.

Naquele tempo, os casarões, como o da “dona Beni” estavam em processo de decadência. Embora fossem enormes, em grandes terrenos, muitos estavam sendo demolidos para ver surgir edifícios altos. Um fenômeno estranho na região era a quantidade de casarões ocupados por “repúblicas” de jovens participantes da TFP, o movimento conservador e anticomunista “Tradição, Família e Propriedade”, criado pelo pensador e líder católico Plínio Corrêa de Oliveira. No clima de acirramento político de então, a TFP dava total apoio à ditadura, tanto que havia na região um pequeno altar no lugar onde grupos de esquerda realizaram um fracassado atentado a bomba contra Plínio.

Além disso, a presença armada da TFP na região era tão ostensiva e tolerada que eu mesmo presenciei uma cena que não esqueço: a caminho do almoço, dei de cara com um grupo armado de civis trajando ternos e metralhadoras fechando a rua, até que saíram três carros pretos em comboio de um dos casarões, provavelmente a sede da TFP. Só depois que os carros sumiram em alta velocidade é que os caras deram passagem, ficamos todos ali, estarrecidos com aquilo, era um grupo paramilitar ao vivo e a cores nas ruas da capital, tolerado pelo governo da ditadura.

Algumas das meninas que viviam na pensão eram francamente hostis à ditadura e aos rapazes da TFP com seus ternos e cabelos cortados à moda militar e resolveram dar um trote nos caras. Ultraconservadores, “recatados”, os sujeitos só faziam berrar nas ruas contra o fantasma do comunismo e a favor do que consideravam ser a “moralidade e os bons costumes”. Como a pensão era vizinha a uma das repúblicas dos bravos rapazes da TFP (que, à boca pequena, eram chamados de Turma de Filhos da Puta), as meninas começaram a trocar de roupa com as janelas abertas. Era um *soutien* caindo languidamente na cama, os seios aparecendo e, fingindo que nada viam, elas só escutavam a batida das tramelas e do rápido fechamento das janelas dos dormitórios dos caras. Parece que não podiam ver mulher pelada.

Como fiquei sabendo disso? Uma delas, que acompanhei a um show da Gal Costa (Fa-tal, com apenas uns 30 espectadores, acreditem) me contou, dando risadas, que fazia isso diariamente. Bem feito pra Turma de FP.

Mauro Ferreira é arquiteto